

Última vez da Vassoura em Ação



Quarenta anos atrás, na manhã de 2 de janeiro de 1986, Jânio Quadros, prefeito eleito de São Paulo, após ter tomado posse na Câmara Municipal, seguiu para o Parque Ibirapuera, então sede da Prefeitura, a fim de participar do ato de transmissão do cargo. Mário Covas, enquanto fazia seu discurso de despedida, foi bastante vaiado, levando Jânio, com inusitada aparência de Abraham Lincoln, a gesticular pedindo calma a seus seguidores. À tarde, já instalado no gabinete, Jânio, perante a imprensa, borrou inseticida na cadeira do prefeito, e, passando a limpá-la com uma flanela, declarou: “Estou desinfetando esta poltrona porque nádegas indevidas a usaram”. Referia-se ao oponente Fernando Henrique Cardoso, que, favorito em todas as pesquisas eleitorais, se deixara fotografar naquela cadeira um dia antes do pleito (FHC, muitos anos depois, justificaria essa imprudência como a necessidade de já deixar pronta a imagem para que, caso vencesse, fosse rapidamente publicada pela imprensa).

A eleição de 15 de novembro de 1985 interrompeu um hiato de 20 anos sem eleição direta para prefeito de São Paulo. Em 1965, Jânio, se não tivesse sido cassado pela ditadura civil-militar iniciada pouco antes, teria sido candidato, e seu apoio acabou sendo decisivo para a consagradora vitória do brigadeiro Faria Lima. Os prefeitos seguintes seriam nomeados pelo governador após aprovação da Assembleia Legislativa.

Desde 1982, iniciativa parlamentar do senador cearense Mauro Benevides tentava o retorno do voto direto para prefeitos das capitais, o que só foi conseguido, por emenda constitucional,

em maio de 1985. Derrotado, três anos antes, na eleição para governador, Jânio tinha, dessa feita, como grande adversário a ser batido o senador Fernando Henrique, que era apoiado pelo governador Franco Montoro e pelo prefeito Mário Covas. Apresentaram-se 11 candidatos, incluindo a primeira mulher a almejar a prefeitura paulistana, Ana Rosa Tenente. E a voz das urnas revelou o seguinte: Jânio (PTB-PFL), 37,53%; FHC (PMDB), 34,16%; e Eduardo Suplicy (PT), 19,75% (na época, não havia 2º turno).

No curto mandato de três anos, foram marcas de sua administração, que trazia a vassoura, lendário símbolo janista, na logomarca: a criação da Guarda Civil Metropolitana (GCM), o plano de túneis, a reurbanização do Vale do Anhangabaú e a restauração do Theatro Municipal. Terminada sua gestão, Jânio, que renunciara, em 1961, à Presidência da República, dava sinais de que gostaria novamente de disputá-la, em 1989. Contudo, sua pretensão cessou em decorrência de um acidente vascular cerebral sofrido, o primeiro de três.

Na derradeira etapa de vida, um combalido Jânio somente se animava com a “Escolinha do Professor Raimundo”, de Chico Anysio, que, aliás, chegou a visitá-lo. Faleceu em 16 de fevereiro de 1992. Comerciantes de Vila Maria, histórico reduto eleitoral de Jânio na capital, fecharam, em sinal de respeito, suas portas no horário do enterro. Um velho colega seu do Colégio Arquidiocesano, o médico José Lourenço Neto, disse, à época: “Ele não deixou herdeiros, mas imitadores”.

José D'Amico Bauab